



DISCUSSÃO*

APÓS A APRESENTAÇÃO DAS TRÊS COMUNICAÇÕES IMPRESSAS ACIMA, O COORDENADOR DA SESSÃO ABRIU A DISCUSSÃO PARA COMENTÁRIOS DO PÚBLICO — TANTO PARA DEBATEDORES CONVIDADOS COMO PARA QUALQUER UM QUE QUISESSE CONTRIBUIR PARA O DEBATE. PEDIU-SE AOS QUE FIZERAM PERGUNTAS QUE COGITASSEM PREPARAR UMA VERSÃO ESCRITA DE SUAS INTERVENÇÕES. DOS CERCA DE DOZE PARTICIPANTES QUE FALARAM EM VIENA, CINCO OPTARAM POR PREPARAR UMA VERSÃO ESCRITA DE SEUS COMENTÁRIOS, OS QUAIS SE ENCONTRAM IMPRESSOS ABAIXO.

ESSES CINCO PARTICIPANTES SÃO FLUENTES EM INGLÊS; O INGLÊS FOI A LÍNGUA EM QUE AS COMUNICAÇÕES FORMAIS FORAM APRESENTADAS, E FOI AQUELA NA QUAL O DEBATE EM VIENA FOI CONDUZIDO. MUITOS DAQUELES PARA QUEM A LÍNGUA INGLESA NÃO É A PRIMEIRA LÍNGUA COMENTARAM POSTERIORMENTE QUE ARGUMENTOS ABSTRATOS E TEÓRICOS SÃO PARTICULARMENTE MAIS DIFÍCEIS DE SEREM ACOMPANHADOS EM OUTRA LÍNGUA. NESSE ASPECTO, OS PROCEDIMENTOS ADOTADOS EM VIENA NÃO FORAM EFETIVAMENTE REPRESENTATIVOS DA SUBDISCIPLINA COMO UM TODO. ESTABELECEU-SE O ACORDO DE QUE, CASO MAIS SESSÕES SOBRE TEORIA NA HISTÓRIA DA CARTOGRAFIA SEJAM ORGANIZADAS EM CONFERÊNCIAS FUTURAS, O DEBATE DEVE SER TORNADO ACESSÍVEL A TODOS QUE DELE DESEJEM PARTICIPAR, INDEPENDENTEMENTE DA LÍNGUA. MODOS DE ALCANÇAR UM FÓRUM VERDADEIRAMENTE ABERTO ESTÃO SENDO EXPLORADOS.

Tony Campbell, British Library, Reino Unido.

Ao considerar o lugar de ideias em nossa disciplina, há perigos em qualquer extremo. Uma aplicação rígida demais de teorias pode levar a uma autorrealização histórica. O fato de alguns mapas pregressos terem sido usados como instrumentos do poder temporal não justifica o pressuposto geral segundo o qual todos os outros – de qualquer período ou região – deveriam ser lidos sob o mesmo prisma. Encontrar o que está sendo procurado, a menos que haja corroboração vinda de fontes não cartográficas, pode ser igualmente errôneo e satisfatório. Onde se encontra, por exemplo, a mão do “grande irmão” em um mapa que foi feito sem ambiguidades, comprado e usado para a simples e objetiva função de encontrar um caminho? A relevância de qualquer teoria abrangente deve ser confirmada para cada contexto cultural, e não simplesmente reiterada de modo cada vez mais estridente. A menos que contínuas tentativas sejam feitas no intuito de compreender o contexto de um mapa, a história da cartografia se encontrará à mercê de modismos, balançando entre preocupações anacrônicas.

No extremo oposto, a linha de frente da empiria, encontram-se aqueles que apresentam as pepitas que desenterram sem comentá-las. Do mesmo modo que teoria sem embasamento factual é indulgente demais, a informação pura é, em sua essência, irrisória. Se, por um lado, aqueles que buscam prover nossa história de seu alicerce teórico necessário precisam manter contato com a realidade histórica por meio da citação de exemplos, aqueles que se engajam na pesquisa detalhada que é a parte vital de nossa disciplina devem, por outro lado, situar suas descobertas em um alicerce interpretativo com urgência. Quando não se pergunta “por quê?”, não é possível haver respostas adequadas.

David Fletcher, London Guildhall University, Reino Unido.

É no nível do interesse e da motivação pessoais que a discussão acerca do lugar da teoria na história da cartografia precisa ser enfrentada e decidida. Duas caricaturas extremas podem ser comparadas. Por um lado, há a pessoa para quem teoria é uma preocupação cômoda e centrada em si mesma. Mapas antigos são materiais brutos para suas proposições abstratas. Essas pessoas podem ter tanto interesse nos mapas em si quanto entusiastas da computação têm no trabalho das pessoas para as quais criam programas – o coração delas está em outro lugar. O contraponto a essa caricatura é o antiquário caçador de mapas, profundamente desconfiado ou mesmo avesso a teoria.

Ambas as personagens, irreais, porém não tão difíceis de se reconhecer, seriam forçadas a confessar que algum nível de teorização é inevitável em qualquer atividade humana. Eles também deveriam reconhecer que nunca devemos perder de vista os materiais em estado bruto e a base disciplinar que conferem à nossa disciplina sua identidade. Portanto, a questão central não é se há ou não um lugar para teoria no interior da história da cartografia, mas sim para que tipo de teoria.

O papel da teoria deveria ser, portanto, o de reunir as contribuições de todos os diferentes tipos de pessoas, com suas diversas especializações, as quais contribuem para a nossa compreensão emergente da história da cartografia. Entretanto, a teoria nunca deveria ser prescritiva ou dogmática. Em algumas disciplinas de ciências sociais, há às vezes a tendência a privilegiar a contribuição de alguns tipos de contribuições estruturadas teoricamente, em detrimento de contribuições de base mais empírica. Em um campo pequeno, mas em expansão, essa forma de elitismo prejudicial é algo que pode trazer problemas e a que se deve resistir. A pedra angular de nossa disciplina é o trabalho descritivo detalhado realizado

com um propósito claro, ou seja, com uma teoria implícita em mente.

A teoria deve ser acionada de modo a fornecer um conjunto de proposições conectadas, que nos permitam explicar ou compreender fenômenos. A meu ver, a tarefa central da história da cartografia é entender o que as representações cartográficas nos dizem sobre como pessoas pensaram seu ambiente em tempos pregressos e em diferentes culturas. Outras pessoas terão diferentes ideias acerca da essência dos objetivos. O que importa é ser capaz de transformar o estudo da matéria bruta de um mapa em um exercício interpretativo. O papel da teoria é dar propósito e direção a nossos esforços. De modo resumido, precisamos de uma posição intermediária amadurecida, que reconheça o valor de uma abordagem interpretativa e crítica das fontes, e que não rebaixe a base empírica na qual as estruturas teóricas venham a ser criadas. Devemos reconhecer que a teoria não é mais mistificante que pensamentos organizados, esquematizados, e que construções teóricas e trabalho empírico detalhado são inseparáveis e mutuamente dependentes.

Naftali Kadmon, Hebrew University of Jerusalem, Israel.

Eu tenho a impressão de que “*Conferência sobre a História da Cartografia*” é de certo modo um nome impreciso. O título “*Conferência sobre a História de (alguns) Mapas ou de (alguns) Criadores de Mapas*” seria mais representativo dos temas abordados pela maioria dos palestrantes em Viena. As comunicações que foram apresentadas elencaram um amplo conjunto coletivo de conhecimento acerca da vida e época de criadores de mapa, datas históricas, coleções de mapas e até mesmo métodos de produção de mapas, mas um conhecimento escasso de cartografia e *sua* teoria. Ao se apresentarem

comunicações em uma conferência dedicada à história da cartografia, assim como uma sessão sobre teoria, deveria haver, a meu ver, uma maior consciência acerca da teoria da cartografia, e não apenas da teoria da história. Além disso, no tocante a história, o passado está rapidamente alcançando o presente; a vida útil de algumas técnicas cartográficas digitais modernas é medido em meses. Não podemos encerrar a periodização de nossos estudos históricos em cem anos atrás!

Roger J.P. Kain, University of Exeter, Reino Unido.

A escrita da história da cartografia deve ser orientada teoricamente e impregnada de rigor intelectual e conceitual, caso se trate de interagir em igualdade com as humanidades e ciências sociais e não estar relegada à busca de algo com valor puramente antiquário. Essa necessidade é relevante tanto para a pesquisa como também para o ensino. Se a história da cartografia visa alcançar um lugar no currículo da educação superior, também deve estar apta a satisfazer o exame externo cada vez maior das bases conceituais e dos conteúdos de cursos. O debate teórico não é um “adendo opcional”, mas sim algo desejado para a credibilidade acadêmica.

Que forma deveriam ter essas formulações conceituais e metodológicas? Creio que devemos começar pela referência à questão: O que é a história da cartografia? E reconhecer que nossa disciplina reúne uma pluralidade de questões. A história dos mapas não pode ser pensada atualmente enquanto algo paralelo a, por exemplo, algum dos ramos sistemáticos da história: política, econômica ou social, em que houve um longo período de mudança paradigmática tal como o escopo de questões investigadas, e os tipos de questões consideradas válidas por um consenso de praticantes foi refinado ao longo de várias décadas de debate epistemológico. Essas áreas da história estabelecidas há bastante tempo também foram

definidas e delimitadas em termos de conteúdo conforme subdisciplinas derivaram delas: a história econômica dando origem à história urbana, a qual, por sua vez, subdividiu-se entre história social urbana, história industrial urbana, e outras subdisciplinas tão especializadas que é possível imaginar talvez um único corpo teórico que as abrangesse: (economia neo-clássica ou Marxista, por exemplo), que pode ser apropriada para todos os praticantes.

Eu contesto no sentido de que não é igualmente legítimo propor uma teoria unificadora isolada da história do mapa, e isso ocorre por causa da variedade de abordagens conduzidas sob o rótulo de “história da cartografia”. Os mapas são de diferentes naturezas, eles atravessam os eventos do passado em diferentes arenas sociais, políticas, culturais e econômicas, chegando à escrita de histórias interpretativas por meio de formas muito diferentes. Os mapas e suas conexões com a história são tão diversos quanto as disciplinas que os estudam e os unem de forma frouxa sob o guarda-chuva da história da cartografia. Cada tipo de história evoca um conjunto diferente de posturas teóricas e abordagens metodológicas e conceituais. O meu próprio trabalho, por exemplo, demandou a teoria política do controle social no intuito de explicar o envolvimento estatal no mapeamento cadastral do Iluminismo Europeu, assim como teoria econômica para ajudar a compreender a ascensão do mapeamento estatal em associação com a transição do feudalismo para o capitalismo na Inglaterra do início da Época Moderna.

Em suma, precisamos estar fundamentados teoricamente se quisermos ser respeitados academicamente. Junto a isso, precisamos reconhecer que a pluralidade da história da cartografia tal como constituída atualmente precisará de um leque de abordagens conceituais. É importante que debatamos essas abordagens, assim como talvez seja ainda mais

importante que sejamos vistos debatendo-as pela comunidade acadêmica mais ampla.

Dennis Reinhartz, University of Texas at Arlington, U.S.A.

Estabelecer e compreender o fundamento teórico são ações absolutamente essenciais para a delineação e estruturação adicional da história da cartografia. Esse processo, talvez aberto, nos ajudará a definir melhor o que é a história da cartografia – para nós mesmos, nossos alunos e outros com quem interagimos.

Todavia, qualquer teoria deve ser suficientemente universal para não excluir qualquer diversidade de interesses e abordagens na busca interdisciplinar da história da cartografia; ela deve unificar este campo em desenvolvimento, e não dispersá-lo. Cada um de nós chega ao campo de maneira um pouco diferente, seja da história, da geografia, da antropologia, da história da arte, da ciência arquivística e da biblioteconomia, da coleta ou de qualquer outra perspectiva, e cada um de nós, potencialmente, possui idéias únicas e ótimos elementos para oferecer à história da cartografia.

E, finalmente, qualquer investigação ou explicação filosófica deve se esforçar, de modo resolutivo, pela manutenção de rigorosos padrões de pesquisa historiográfica "científica" na metodologia na história da cartografia. Esses padrões são necessários para fortalecer a legitimidade da disciplina.

NOTAS _____

* *Discussion*, publicado originalmente em *Imago Mundi*, vol.48, 1996. Traduzido por Daniel Dutra Coelho Braga (PPGHIS/UFRJ). Revisado por M.Lamego (UERJ). Os editores agradecem à Ed Dahl pela autorização concedida para tradução e publicação deste artigo.